



**ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA  
ROSA ESTER ROSSINI, USP, SÃO PAULO  
MEMBRO COMITÊ EXTERNO DO PIBIC/UFAM**

**Resumo do Curriculum vitae:** A Professora Rosa Ester Rossini é do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde 1971, e é Professora Titular desde 1991. Possui, graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1964), Mestrado em Geografia (Geografia Humana) (1971), Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (1975), Livre-Docência em Geografia da População (1988). Tem experiência em Geografia Agrária e da População, atuando nos temas: Força de Trabalho, Brasil, Gênero, Migração Internacional, Japão. Participou de eventos nacionais e internacionais com apresentação e publicação de trabalhos de pesquisa. Desde 1982 é bolsista 1A do CNPq. Desde de 1989 tem se dedicado também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – nos processos de seleção e avaliação de projetos. Em 2004 recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico na condição de Comendadora concedida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal. Em 2014 foi Homenageada pelo CNPq como Pesquisadora Pioneira do Brasil. Recebeu os títulos de Professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Rondônia em 2012, e pela Universidade Estadual do Ceará em 2015.



**PERGUNTAS:**

***1. Baseado em sua experiência como membro externo de Comitê PIBIC, qual a importância desse programa para a formação de novas gerações de pesquisadores na Amazônia?***

O PIBIC mudou a vida das universidades brasileiras tanto públicas como privadas que têm interesse em desenvolver pesquisa com qualidade teórico-metodológica.

O PIBIC como grande escola que tem como uma das características a descoberta de talentos tem propiciado o incentivo e desenvolvimento de pesquisas de modo geral.

O/A estudante na condição de aprendiz de pesquisador/a tem a chance de escolher um/a professor/a com o/a qual tem afinidade tanto em relação ao tema como com a linha teórica desenvolvida pelo/a pesquisador/a preferido/a.

No decurso do processo ele/a tem a chance de trabalhar desenvolvendo, no período de 12 meses, um sub-projeto mais amplo. Durante todo o período o/a estudante é acompanhado pelo/a Professor/a que o ensina a dar os primeiros passos na pesquisa.

Depois de 25 anos de implantação do PIBIC na Amazônia é patente o significado técnico-científico na área e é voz das pessoas que estão ligadas à pós-graduação e à pesquisa a importância do PIBIC tanto como incentivador/descobridor de novos talentos como graças a ele o aumento ou criação de cursos de Pós-Graduação de boa qualidade nas Universidades é patente. Para reforçar o significado do PIBIC nas Universidades destaque-se que em média, 70% dos alunos da pós tiveram experiência em pesquisa através do PIBIC. Para reforçar a importância e significado do PIBIC nas Universidades da Amazônia destacamos que 70% dos estudantes da pós vieram do PIBIC.

Assim sendo é incomensurável o aumento do número de pesquisadores/as e de pessoas tituladas que se iniciaram na pesquisa através do PIBIC assim como hoje tituladas desenvolvem temas de estudo e pesquisa valorizando a área onde estão inseridos.

***2. Em quais aspectos a senhora considera que o bolsista de PIBIC do Amazonas se diferencia do bolsista de outras regiões?***

Historicamente o Amazonas tinha enorme carência de pesquisadores/as e de pessoas tituladas. O número de bolsas de produtividade era irrisório, pois as pessoas não conseguiram atingir a posição na classificação para obtenção de bolsas em



qualquer área do conhecimento mesmo dispondo de significativos centros de pesquisa, como o INPA e o Instituto de Medicina Tropical, a UFAM, dentre outros. Hoje há dezenas de pessoas que, pela competência têm bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Para citar um exemplo, quando o PIBIC foi implantado – 1990 – em Manaus o foi com 60 bolsas concedidas pelo CNPq, pela FAPEAM, pela Universidade segundo a Magnífica Reitora Profa. Dra. Márcia Perales Mendes Silva são 1.000 bolsas. Os números falam por si e de longe este é o programa que teve maior expressão no período assim como através das pesquisas possibilitou um novo olhar para o Amazonas.

### ***3. No Comitê que a senhora participa os projetos de pesquisas dos alunos de PIBIC representam os temas mais relevantes para o desenvolvimento da Amazônia?***

No decurso dos cerca de 25 anos consecutivos participo do PIBIC tanto dos processos de seleção como de avaliação na UFAM, no INPA e na FAPEAM dos projetos de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Ciências Sociais Aplicadas, Letras e Educação e constato que sempre foram altamente relevantes do ponto de vista do desenvolvimento da Amazônia. Percebia-se o entusiasmo dos bolsistas ao apresentarem o trabalho final do seu sub-projeto. Os temas sempre foram variados e diversificados demonstrando o interesse e motivação de cada orientador/a em relação ao desempenho de cada estudante bolsista ao apresentar seu trabalho final. Citamos como exemplo alguns estudos que demonstram a preocupação em relação ao desenvolvimento dentre outros da Amazônia, em particular, a brasileira: Problemas versando o desequilíbrio ecológico com a devastação de vegetação, aceleração das voçorocas; A luta pela terra dos trabalhadores/as nas áreas de expansão da fronteira agrícola; O cultivo da mandioca para a alimentação dos ribeirinhos; A urbanização no vale do rio Solimões; A força de trabalho de homens e de mulheres na Zona Franca de Manaus; O embelezamento da cidade no período áureo da borracha; As políticas públicas de interesse para os jovens; As crianças e os idosos; A luta dos descendentes de negros para a regularização e uso das terras; Alfabetização da população indígena e a luta pela cidadania; A luta pela terra das etnias

indígenas na Amazônia; A forte expansão urbana de Manaus; A expansão das Universidades Públicas no interior do Estado do Amazonas, etc.

### ***4. O que representa para Vossa Senhoria a sua atuação em um Comitê de PIBIC na Amazônia?***

Só pelo fato de ter feito opção pelo PIBIC desde o início dos anos 1990 já justifica a pergunta, acrescente-se ainda que, apesar dos 44 anos de efetivo exercício ainda me aposentei antes da compulsória para ter mais tempo para participar do PIBIC. Minha opção preferencial foi a de apoiar as regiões Norte e Nordeste na implantação e manutenção de um programa com qualidade. Fora deste eixo resta pouco tempo para atender a outros convites.

É bom ressaltar que o programa mais democrático que existe no CNPq, nas Fundações de Amparo à Pesquisa e órgãos financiadores é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Independe da classe social, do sexo, idade, religião, cor, etnia. O ponto essencial é a motivação e interesse para a pesquisa. Todos/as pessoas envolvidas no processo tem um/a professor/a orientador/a que lhes ensinam os primeiros passos para a pesquisa. A partir de 2005 o/a estudante poderá desde o ensino fundamental até o final do ensino médio participar do PIBIC com apoio do CNPq. Esta iniciativa devemos ao Coordenador da Comissão de Avaliação do PIBIC – CONAIC – Prof. Isaac Roitman. Desta comissão participou ativamente até 2010 como membro a Profa. Marilene Corrêa da Silva Freitas, quando então, por um desconhecimento da importância da Comissão a mesma foi extinta por ordem da Vice-Presidente do CNPq e, de certa forma, foi “substituída” pela reunião dos Coordenadores de PIBIC, e se realiza na SBPC. Em 2014 foi feita no próprio CNPq. Considero uma falha técnica do CNPq a realização de um evento constituído de um só segmento do programa – COORDENADOR – e mesmo que a pessoa seja um/a grande pesquisador/a, no exercício desta função pretende apenas resolver os problemas administrativos e muitos erros têm sido cometidos com a “benção” do CNPq.

Retornando então à discussão do programa democrático devo assinalar que todas as pessoas interessadas são altamente beneficiadas. Entretanto, quando uma pessoa pobre é a interessada o benefício é muito maior pois, apesar



de pouco significativa a bolsa do ponto de vista econômico, para quem quer conquistar um lugar ao sol ela se torna suficiente, pois possibilita a garantia do mínimo: alimentação e transporte, algumas vezes o aluguel de um quarto compartilhado. Com esta ajuda mínima centenas de estudantes pobres, com eu fui, aprenderam a pesquisa, descobriram os caminhos dos financiamentos, concluíram o curso, fizeram mestrado, doutorado, pós-doutorado. Prestaram concurso público nas universidades ou institutos de pesquisa e entraram nas instituições públicas pela “porta da frente”, por competência e hoje trilham o mesmo caminho percorrido, mas agora, na orgulhosa condição de orientador/a.

Por todas essas razões acima desenhadas é que, com o mesmo entusiasmo, alegria e satisfação, participo do PIBIC na Amazônia e no Brasil.

Para finalizar esclareço ainda que os beneficiados não são só os/as estudantes, bolsistas do Programa, mas os/as professores/as que são empurrados/motivados/as pelos estudantes a se atualizarem e a publicar, assim como programas de Pós-Graduação que são alimentados principalmente pelos ex-bolsistas do PIBIC, a Universidade e como consequência a sociedade como um todo.

### ***5. Que conselhos a senhora daria a um jovem que deseja seguir a carreira de pesquisador na Amazônia?***

Na condição de “Rainha do PIBIC”, como fui apelidada pelos colegas que me conhecem e sabem do meu engajamento e amor pelo PIBIC, devo destacar que a mudança de vento na vida de uma pessoa ocorre quando ela percebe que o caminho do aprendizado competente, engajado e integrado ocorre também fora da sala de aula, no laboratório, na pesquisa de campo, na discussão na mesa de um bar, na leitura bibliográfica e sobretudo na solidariedade.

Na ciência não existe e não pode existir “apadrinhamento” mas compartilhamento de trabalho e de aprendizado.

Milton Santos dizia que quando recebia um estudante em qualquer nível na academia, para participar de um grupo de estudos e ou de pesquisa, a primeira providência era a de ensiná-lo/a a sentar. Dizia que cadeira não tem prego e que, portanto, é necessário sentar, por longo tempo, para realizar leitura e aprendizado. Acrescentava ainda que, no corredor, discutimos o que sabemos.

Outra lição do mestre residia no fato de “ensinar um/a estudante a ler um texto”, pois, a grande especialidade hoje é a de “copiar e colar”. Desta maneira quando se solicita uma síntese ou resumo de um trabalho o/a jovem coloca frases de “impacto” e que nem sempre uma “fala com a outra”. Assim sendo, para a efetiva leitura de um texto ou elaboração de um projeto torna-se necessário levar em consideração os seguintes pontos:

- Título do Trabalho; os objetivos devem estar em sintonia com o título do projeto/pesquisa. Em seguida deve ser explicado o fio condutor que dará embasamento à metodologia científica. A leitura bibliográfica deverá começar pelos clássicos assim como deve-se evitar citação de citação. O passo seguinte seria o de definir o desenvolvimento metodológico da pesquisa de modo a alcançar, nos resultados, os objetivos e responder a pergunta proposta no projeto. A partir deste pequeno roteiro conseguiremos realizar um projeto consequente, em todas as etapas e apresentar os resultados a partir do enunciado.

Uma boa base teórico-metodológica permitirá o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, pois na ciência não existe receita, mas capacidade de gerar ideias.

Para finalizar devo lembrar todos/as que quem faz PIBIC será sempre melhor na academia ou no mercado de trabalho na profissão escolhida.